

A NATUREZA COMPLEXA DE UMA AVALIAÇÃO GLOBALIZADORA

Ermelina G. Bontorin Thomacheski*
Suzana Braga Bertassoni**

Resumo: O presente trabalho configurou-se a partir da análise de uma prática avaliativa, processo desencadeado pela Professora e Doutora Léa das Graças C. Anastasiou, na Disciplina *Avaliação da Aprendizagem* do curso de Mestrado em Educação na PUC/PR. O desafio de repensar a tessitura da ação avaliativa imbricada na revisão teórica, constituiu-se em germe de uma nova prática, gerando a necessidade de “co-pensar” a globalidade da relação pedagógica. A mobilização dos sujeitos professor/equipe docente, aluno/grupo, provocou compromissos auto-assumidos, imprimindo direção e significado à aprendizagem buscada. Na primeira parte do texto elaborou-se uma síntese relativa aos fundamentos teóricos pesquisados e discutidos nos estudos, nas atividades docentes e na história de vida, tanto dos educadores, quanto dos alunos. A seguir descreveu-se o movimento que orientou a elaboração conjunta da prática, a situação didática em seu fazer-se, refazer-se e avaliar-se, numa tentativa de registrar as representações dos sujeitos que a vivenciaram. Procurou-se evidenciar a multidimensionalidade desse processo avaliativo, conscientes que as conclusões são provisórias e que esse “movimento” traduz a idéia de sistema aberto, em que cada fim é um novo começo. O grande significado da experiência, foi vivenciar a perspectiva histórica da aprendizagem, sempre geradora de novas necessidades. Desta

* Professora-auxiliar do Curso de Pedagogia. Mestranda da PUC/PR.

** Mestranda em educação (PUC/PR), especialista em Currículo e Prática Educativa (PUC/RJ); Orientadora Educacional do Colégio Nossa Senhora Medianeira, Curitiba - Paraná. E-mail: s.bertassoni@bol.com.br

forma, na segunda parte do texto é relatada uma experiência de avaliação numa visão contínua, cumulativa e diferenciada, vivenciada na Disciplina de Princípios e Métodos de Supervisão Educacional, envolvendo o trabalho de quatro professores e cento e cinquenta e oito alunos do 7º período do curso de Pedagogia da PUC/PR, campus de São José dos Pinhais. Vivência essa embasada por elementos obtidos nos estudos sobre Avaliação da Aprendizagem, ao longo da trajetória como professores da Educação Básica, supervisores e/ou orientadores educacionais e, também, como docentes nos cursos de graduação, os quais estão sendo sistematizados no programa de Mestrado em Educação da PUC/PR. Foram anexados os instrumentos utilizados para a sistematização e registro da avaliação.

Palavras-chave: Complexidade, processo, formativa, qualidade educativa, multidimensionalidade, criadora de novas oportunidades, consciência, desejo.

Revisão teórica, tessitura de uma nova prática

Historicamente, a avaliação vem sendo usada como ponto de demarcação para separar ganhadores e perdedores, tornando-se uma maneira de medir o déficit da aprendizagem. Nesse sentido a concepção e organização do currículo e da didática passam a ser movidos pelo déficit. Neste processo os problemas na compreensão da avaliação estão mais relacionados à tradição escolar, à função seletiva e propedêutica da escola, onde a avaliação exerce a função de promover e selecionar “os mais aptos”. O avaliar, entretanto, assume diversas características participando, na escola, das várias dimensões do ensinar e do aprender. Ainda convive-se com concepções tradicionais e em geral, o medo e a ansiedade são os sentimentos mais comuns, em quase todos cujas produções acadêmicas estão submetidas ao processo de verificação e de avaliação. Vale lembrar Luckesi (2000), quando aponta os aspectos distintos de uma e de outra, sendo a primeira, parte de um processo menos amplo e que, estatisticamente, se detém na simples configuração do objeto estudado e a segunda, como um processo mais amplo, dinâmico, no qual há uma atribuição de qualidade ao objeto verificado.

Em Ogiba (1992) encontra-se uma crítica ao papel seletivo e discriminatório que a avaliação cumpriu e ainda cumpre ao longo da

história da educação. Assinala também para a função fragmentada do ato de educar, à medida que aponta a avaliação como controladora do conhecimento produzido e na proporção que o adequa ao modo de produção capitalista em detrimento de uma organização social mais justa. A avaliação torna-se, portanto, um fundamento justificador de uma política seletiva que valida o conhecimento produzido na escola e nas universidades. O avaliar ultrapassa os muros da escola, quando sua prática determina o “funcionar da escola”, denuncia esta cultura em nível micro com todas as suas contradições e possibilidades. Sacristán (1998) aponta para a questão da incidência da dimensão avaliativa sobre todas as relações construídas a partir da escola, como a relação professor/aluno, pais/escola/professor e a comunidade educativa como um todo.

A escola da modernidade é a escola da disciplina e o exame, o instrumento de controle disciplinar. Em uma sociedade marcada pela culpa, castigo e desprazer, a avaliação atua negativamente e cria o mito do erro, associado ao castigo e ao sentimento de incompetência.

A concepção oficial de avaliação consolidada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei n.º 9394/96, regulamentada pelas Diretrizes dos Conselhos Nacional e Estadual de Educação, aponta para a avaliação contínua e cumulativa, com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos, enfatizando o processo sobre o resultado e a construção coletiva dos critérios norteadores, validados pelos princípios de educação constantes do Regimento da Escola. A avaliação deve ser formativa e decorrer de uma concepção de aprendizagem como um processo contínuo de desenvolvimento, com a finalidade de diagnosticar, acompanhar e aperfeiçoar o processo do aprender.

Entretanto, existe também, a partir do que a lei determina, uma concepção que encara o ato de avaliar numa perspectiva complexa e globalizadora (ZABALLA, 1998), como uma possibilidade de re-encaminhamento da prática didática, considerando as diversas dimensões do avaliar. Esta perspectiva assume uma função ampliadora de reflexão, à medida que encara o processo de avaliar como a “oportunidade de desenvolver, no maior grau possível, todas as capacidades do educando. Assim, o ensino se centra não no resultado, mas nas

possibilidades pessoais de cada um”. Esta abordagem ultrapassa o aspecto burocrático que é próprio do ato de avaliar, para tornar-se criadora de novas necessidades de rever, rencaminhar, refletir a respeito dos conteúdos, mas também a respeito da postura que se assume diante da produção do conhecimento. Sacristán (1998) assinala que a avaliação torna-se, com isso, uma atividade criadora, em que a importância do conhecimento produzido tem primazia sobre o controle que se tem sobre sua aquisição.

Em oposição às homogeneizadoras, as formas mais abertas de avaliação, asseguram a participação do aluno, dão margem à auto-avaliação e, estão vinculadas às situações de ensino que objetivam a formação. Importante situar a questão da formação e, por sua vez, a questão da avaliação formativa. Em uma avaliação formativa importa saber a respeito do conhecimento prévio do educando em relação ao que se quer ensinar, ou seja, suas experiências, seus interesses e por consequência, o que são capazes de aprender. Esta concepção de avaliação não está centrada no resultado, no produto, pois visa favorecer a aprendizagem como processo. Entretanto, sabe-se que toda prática pedagógica, compromissada com a noção de processo, é uma prática complexa, que supõe a necessidade de possíveis adequações e conforme a “resposta” dos educandos, haverá necessidade de novas intervenções e atividades.

Diante de uma crescente despersonalização da relação pedagógica provocada pela massificação do ensino e pelas práticas baseadas na competitividade, o processo avaliativo globalizador se relaciona e se alimenta dos estudos da complexidade, criando um pano de fundo para uma nova forma de pensar o educando, a escola, a prática pedagógica e com ela a concepção de avaliação. A unidade complexa da natureza humana não pode estar desintegrada da educação por meio de nenhum mecanismo de avaliação. É preciso, afirma Morin (2000) em sua obra *Os sete saberes necessários à educação do futuro*, restaurar o significado da existência do ser humano, de modo que cada um, onde quer que se encontre, possa desfrutar da possibilidade de aprender e de refletir. A avaliação deve ajudar ao educando no processo de aprendizagem, deve fomentar no aluno o desejo de, tendo consciência de seus limites e possibilidades, aprimorar-se nos conhecimen-

tos, de melhorar suas estratégias de pensamento, suas estratégias organizacionais e sua postura diante dos desafios que a vida lhe apresenta.

Uma avaliação, numa perspectiva globalizadora e complexa, assume a característica de relação com a realidade, de contextualização, de “risco”, pois a compreensão de um conceito é sempre uma interpretação e por isso limitada. Assume também uma vertente organizativa em que é preciso que os esquemas cognitivos se organizem e se reorganizem continuamente, num movimento de auto-organização, exigindo ação conjunta entre professores e alunos.

Uma experiência de avaliação com enfoque globalizador

Na disciplina de Princípios e Métodos de Supervisão Escolar do curso de Pedagogia da PUC/PR, Campus de São José dos Pinhais, procurou-se inovar nas questões avaliativas, vivenciando aspectos pontuados pelos especialistas no assunto que estavam sendo estudados no programa do Mestrado em Educação, mais especificamente na disciplina Avaliação da Aprendizagem¹. Essa experiência foi vivenciada por 158 alunos do 7º período de Pedagogia, sob a orientação de três professores, mas foi compartilhada também por outros professores do curso que a enriqueceram com suas próprias experiências e seus questionamentos². Partiu-se do princípio de que a avaliação não é pontual e considera o conhecimento do aluno antes, durante e após efetuada a avaliação, num processo dinâmico, mediado e dialógico (LUCKESI, 2000). Desta forma, propôs-se vivenciar com os alunos o processo construtivo da avaliação, no desenvolvimento de cada tópico abordado. Inicialmente, fez-se um diagnóstico das expectativas – individuais e coletivas, das turmas – em relação à disciplina, com a finalidade de projetar as metas, a utopia necessária, os sonhos, bem como possibilitar um confronto no final do semestre, analisando os objetivos alcançados, a trajetória pessoal e profissional de cada sujeito durante o trabalho: aluno/professor; grupo-classe/equipe docente. Ao discutir o Plano de Trabalho da Disciplina, logo nos primeiros encontros, foram analisados: a ementa, a problematização, as competências, habilidades, e as aptidões almeçadas, os temas de estudo, a metodologia, a proposta de avaliação e o cronograma. Ensaiou-se aí uma proposta de avaliação formativa que foi validada pelo grupo/classes.

A avaliação será contínua e os procedimentos discutidos com o grupo na análise do plano de trabalho. As alterações da proposta inicial serão efetivadas mediante discussão e consenso do grupo. Haverá dois registros parciais, cuja somatória comporá a média semestral. O aluno terá o direito de dialogar com o professor sobre seu processo de avaliação e terá acesso ao registro cumulativo. Os trabalhos entregues fora dos prazos negociados, serão aceitos mediante justificativa. Os critérios para a avaliação serão: participação nas discussões em sala de aula; prova escrita; produção de texto em grupo, sintetizando os textos estudados; elaboração de artigo em dupla, contemplando as categorias que foram discutidas no semestre; relatório das visitas e entrevistas realizadas no campo de estágio; participação em seminários como relator ou questionador (Ementa da Disciplina de PMSE, 7º p. Pedagogia, 2002).

O acompanhamento do desenvolvimento ocorreu em cada encontro, tanto no aspecto individual como no grupo, por meio do planejamento cooperativo das atividades e do “tornar observável” os avanços nas discussões, nas análises, nas reflexões, na relação teoria/prática, bem como o intercuro entre o projetado e o realizado. Nessas reflexões procurou-se apontar caminhos, visando a melhoria da qualidade educativa, pautada na atuação do pedagogo como o grande articulador e coordenador do processo pedagógico na instituição escolar. O conceito de *articular*, aqui entendido como a mobilização do coletivo da instituição educacional em sintonia, e, *coordenar* como o ato da “organização em comum, portanto, por natureza, uma função que se encaminha de modo interdisciplinar”, portanto consensual, dialética; conceitos esses, enriquecidos com o estudo dos textos de Rangel (2001, p. 57).

Foram realizadas duas pesquisas de campo, investigando a atuação do pedagogo em instituições escolares (pesquisa nº 1) e não-escolares (pesquisa nº 2). Os dados coletados foram organizados em quadros, comentados e discutidos em sala de aula. Em seguida cada aluno elaborou uma análise reflexiva sobre o papel do profissional em questão, os contextos educacionais e os desafios a enfrentar³.

O desempenho do aluno e do processo educativo foram avaliados em todos os textos estudados para explorar os aspectos teóricos, assim como nos vídeos e filmes apresentados, sempre estabelecendo relações com a prática cotidiana e o desempenho do profissional (pedagogo) visando a “qualidade da educação” entendida como o movimento de organização e reorganização do conhecimento em sua relação com a prática educativa. Nesse contexto a avaliação foi entendida “[...] como um recurso pedagógico necessário para auxiliar cada educador e cada educando na busca e na construção de si mesmo e do seu melhor modo de ser na vida” (LUCKESI, 2000, p. 7).

Assim, no decorrer do semestre, os grupos de alunos foram construindo o quadro de competências e o perfil do pedagogo capaz de responder às demandas da sociedade contemporânea. Ao atuar no espaço escolar, o grande problema enfrentado pelos educadores tem sido a construção de competências para organizar a ação pedagógica participativa que se consubstancia no projeto político-pedagógico da instituição.

Objetivando verificar o alcance das habilidades de elaboração, síntese, organização e comunicação dos conceitos estudados, definidas no Plano de Trabalho, aplicou-se um instrumento diferenciado de avaliação, tipo I, II e III, cada tipo contendo duas questões problematizadoras, relacionadas com a prática vivida no cotidiano escolar, para o aluno argumentar descritivamente a atitude do pedagogo diante da situação apresentada. Num primeiro momento, cada aluno expôs sua opinião individual conforme a teoria estudada durante as aulas e sem consulta. Num segundo momento, reuniram-se em duplas, de acordo com cada tipo de avaliação (I, II ou III), para discutir as opiniões individuais e, consultando os textos base de pesquisa e estudo, reelaborar a resposta. Ao analisar esse instrumento, os docentes sintetizaram as respostas dos grupos, observaram os pontos de estrangulamento e indicaram complementação de informações⁴.

Como o sistema exige um registro em forma de notas, estabeleceu-se um critério com a turma, definindo peso seis para a parte individual e peso quatro para a parte realizada em duplas. Nesse processo construtivo da avaliação, o aluno foi sendo acompanhado e acolhido durante todo o seu desempenho: nos encontros realizados, na sua

reflexão individual, nos grupos, nas duplas e na aplicação do instrumento avaliativo.

A tarefa conclusiva da disciplina, constou da elaboração de um artigo, abordando o papel do pedagogo como o profissional competente, inovador, capaz de conduzir com eficiência uma educação transformadora. A metodologia científica para elaboração de textos científicos, foi estudada, tanto por meio de revisão das normas técnicas, como através de análise dos artigos publicados em revistas técnicas de Educação. Desta maneira, aliamos o estudo do conteúdo ao estudo da forma de comunicação. O resultado obtido, nesse processo foi a produção de ensaios, cujo potencial de aprendizagem e de construção de significados superou as expectativas do programa⁵.

Atuação do pedagogo em espaço não-escolar e em espaço escolar: análises dos dados do ponto de vista dos alunos

Analisando a experiência vivenciada, a aluna LS (7º F), expressa a relação entre a pesquisa e o processo de aprendizagem:

Através da pesquisa nos apropriamos no conhecimento referente ao papel do pedagogo e sua ação supervisora, sistematizando dados e sublinhando o papel do educador, de profissional comprometido com o significado e as implicações sociopolíticas da educação, inerentes às relações aprendiz, educador, conteúdo, método e contexto. A qualificação do trabalho educativo e dos profissionais que o realizam inclui-se então como meta e motivação da liderança que o supervisor assume na especificidade de seu papel.

Em relação ao conteúdo do programa e a sua articulação com a prática no estágio supervisionado do curso, a aluna EMC (7º F), assim se expressa:

No desenvolvimento das aulas, percebi que muitos dos temas apresentados já fazem parte do trabalho da escola, apenas não eram conhecidas suas nomeações corretas como: mapa conceitual e mapa mental. Foi muito interessante o

estudo sobre a história da pedagogia enquanto profissão e o contexto histórico, levando a uma reflexão sobre nossa participação neste contexto enquanto profissionais que fazem parte da construção desta história. Quanto aos textos que falam sobre a função do pedagogo, relacionando a teoria e a prática, percebemos a importância desse dentro de uma instituição educacional, pois é ele quem articula as ações que norteiam o trabalho de toda a equipe envolvida, seja administrativa ou pedagógica; enfim, de toda a comunidade escolar. E o mais importante é que suas ações, enquanto profissional, poderão ou não garantir um trabalho efetivo e uma educação com qualidade.

Através das entrevistas realizadas, percebe-se a importância do trabalho que esse profissional exerce nos muitos processos de ação direta e indiretamente com a formação humana. A gestão dos processos que envolvem as pessoas, lidam com a sensibilidade, emoção, interação, busca, segurança, qualidade de vida e qualidade profissional; a atuação deste profissional, nos diferentes ambientes, chamou a atenção do grupo de forma positiva, trazendo novo ânimo. Na expressão de aluna RAR (7º F): “O curso de pedagogia oferece caminhos, depende agora da forma que cada um pretende seguir”. A aluna EMS (7º F), relata:

[...] o ápice da pesquisa verificou-se no momento da exposição da opinião sobre a contribuição do curso de Pedagogia para o exercício da função, a qual fomentou uma discussão entre os acadêmicos, no sentido de entender o porquê da contratação de um Pedagogo na empresa. Seria a formação? Capacidade de entender o processo de aprendizagem? Facilidade de comunicação? Relacionamento interpessoal? Interação Social? Em suma, assim, como em outros cursos de graduação existem falhas no decorrer do processo. O que, no entanto, difere no curso por nós escolhido, é que este permite visualizar as situações de maneira mais global, proporcionando subsídios que permitem interagir com os problemas de forma eficaz e dinâmica.

O fato da maioria dos entrevistados já possuírem um ou mais cursos de pós-graduação, também chamou a atenção da turma. As pesquisas evidenciaram que entre os cursos de especialização, a Psicopedagogia foi a mais citada, ao lado da especialização em processos educacionais especiais, por oferecer instrumentos ao melhor entendimento do ser humanos na área pedagógica. A aluna LMPP (7º F), observa:

[...] o pedagogo, em qualquer área de atuação, deve estar sempre atualizado, pois as dificuldades surgem em função das mudanças e, na era da globalização, se requer mais deste profissional que deverá ter uma visão do todo para poder interagir de modo multidisciplinar. É imprescindível que desenvolva sua inteligência interpessoal para melhorar as relações no trabalho.

Já aluna CF (7º F), conclui “[...] que não basta formar-se em Pedagogia, mas aperfeiçoar-se cada vez mais [...]”. Dentre as mudanças decorrentes do processo de globalização, a exigência da “qualidade social” que as empresas devem contemplar em seus processos, faz com que, ao promover a valorização dos funcionários, incluam a qualidade de vida dos mesmos; esta condição passa pela educação, destacando-se, aí, o papel do pedagogo (DCJ-7ºF).

A metodologia utilizada para a análise da pesquisa: apresentação e síntese dos dados em quadro, discussão no grupo/classe e síntese individual, proporcionou ampliação da visão do campo de atuação e das funções exercidas pelo pedagogo, muito oportuna para os alunos que estão concluindo a graduação nesta área.

O campo de atuação dos profissionais entrevistados varia consideravelmente, abrindo um leque imenso, sendo o trabalho efetuado em diferentes setores da sociedade: coordenação de secretarias, centros de educação infantil, escolas de ensino fundamental e médio, empresas (que ofertam atividades educacionais para os funcionários e seus familiares), comércio, indústria, igrejas, hospitais, ONG’s, programas sociais, etc. sempre com caráter educativo.

As principais atividades desenvolvidas estão ligadas à comunicação (clareza de objetivos a serem alcançados), orientação e gestão

de pessoal (seleção de novos funcionários, capacitação, relações humanas no trabalho), coordenação de projetos (melhoria da qualidade de vida dos funcionários e da produção, captação de recursos, cultura, saúde, cidadania), atendimento ao público, articulação com os diversos setores de uma organização (integração), por meio de: reuniões e palestras, encontros de formação, administração de recursos, organização documental e planejamento e abordagem de crianças e adolescentes em situação de risco, em parceria com o Serviço Social.

A clientela atendida varia de acordo com o local de trabalho e os motivos que levam a empresa a contratar o pedagogo, vão desde o atendimento educacional específico a professores, alunos, funcionários, pais, assessoria a cargos executivos, até atendimento a pacientes, médicos, turistas, como também, a diferentes tipos de público em projetos, consultorias, eventos e palestras.

A maioria dos profissionais entrevistados se identificam com a profissão, gostam do que fazem e encaram as dificuldades como desafios superáveis; a realização pessoal e profissional é a mais citada como ponto positivo, pois o trabalho lhes dá retorno imediato. Alguns dos profissionais entrevistados, buscaram a graduação em Pedagogia, por trabalharem com seres humanos e sentirem a necessidade de se aperfeiçoarem na comunicação com os outros e na melhor forma de intervenção educativa. Outros pontos positivos destacados foram: a mobilização de pessoas, entendida como possibilidade de passar adiante o que sabe e ampliar conhecimentos pela interação que a atuação pedagógica demanda; autonomia; reconhecimento do trabalho realizado; respeito às diferenças culturais; abertura para novos campos e novas experiências; inovação.

São apontados como aspectos negativos: o “imediatismo” exigido; o estresse ocasionado pelo acúmulo de funções; a remuneração inferior a outros profissionais com formação equivalente, por exemplo o psicólogo; não poder contar com o número ideal de funcionários para o desempenho das tarefas coordenadas por ele, como na educação infantil; falta de políticas adequadas, como o não-reconhecimento da profissão.

O estabelecimento de parcerias é considerado fundamental para a qualidade do trabalho; as parcerias são referidas tanto na ação inte-

grada aos profissionais da própria instituição como nas relações da instituição com a sociedade. Os entrevistados enfatizaram a importância do trabalho em equipe.

O curso de graduação em Pedagogia – formação inicial dos entrevistados – representou uma referência importante pela formação humana que oferece, bem como o desenvolvimento da capacidade de organizar o funcionamento institucional e a promoção de apoio aos funcionários no desempenho de suas atribuições. Entretanto, a formação recebida não foi suficiente para que esses profissionais atuassem no atual contexto; evidenciam a necessidade de estarem se atualizando diante das exigências cada vez maiores nessa área. Denunciam que a formação, no curso de Pedagogia, ainda está mais voltada para a educação escolar; são indicadas como necessidades na formação: maior investimento na área empresarial e administrativa; interação com o público adulto como o bom andamento da aprendizagem nas diferentes etapas do desenvolvimento humano da infância à 3ª idade; relações interpessoais; legislação não apenas educacional como também nas questões mais relacionadas à política: metas sociais, econômicas, mercado, meio ambiente.

Os profissionais indicam como estratégias de auto-formação: leituras, participação em cursos e seminários; a oferta de eventos de formação para atender a essa demanda ainda está defasada, e quando existe é muito cara para o tamanho do bolso, ou só atende a demandas direcionadas.

Um ponto que chama a atenção nas entrevistas é a separação entre teoria e prática, o que se pode verificar em falas como: “O curso de Pedagogia contribuiu com o embasamento teórico, mas a profissão você aprende no cotidiano.” “O tempo de estágio durante a graduação é muito curto e não permite um aprendizado na realidade prática”. Refletindo sobre as falas ouvidas nas entrevistas, a aluna RMP (7º F), resume o parecer do grupo “sabemos que a realidade da teoria e da prática são diferentes, mas a teoria se faz necessária para entendermos a prática e buscarmos soluções mais adequadas com a realidade”.

Os desafios que os profissionais enfrentam são idênticos para os pedagogos que atuam em ambiente escolar ou não. O que faz a

diferença para os profissionais que atuam nas empresas é que para assegurarem a empregabilidade, deverão ter responsabilidade, competência, criatividade, atualização e uso de “bom senso” para tomar decisões. Transcrevemos alguns pareceres dos alunos os quais mostram a visão do grupo pesquisado: “O novo contexto, marcado pelo desenvolvimento de novas tecnologias e mudanças nos perfis profissionais e na qualificação dos trabalhadores, requer um profissional flexível, comunicativo, criativo e inovador, com uma visão mais ampla” ETKD (7º F). “Um profissional que saiba interagir, tenha compromisso com a profissão, seja dinâmico, saiba trabalhar em grupo e goste do que faz” NRSR (7º F). “O profissional desta área deve ser organizado, observador, buscar sempre melhorias, atualizar-se constantemente, ser articulador, ético, comprometido com a qualidade, ter desenvoltura e uma ampla visão dos processos da instituição” VLML (7ºF). Pode-se inferir que os alunos-pedagogos, chamam a si, como profissionais, a responsabilidade do todo, permanecendo na relação vertical e fragmentada do processo educativo.

Quanto às ações desenvolvidas no espaço escolar, foram citadas: atuar no processo pedagógico; acompanhar e desenvolver projetos; prestar atendimento a professores, alunos e pais; empenhar-se na melhoria da aprendizagem; assessorar os professores coletiva e individualmente; organizar reuniões para solucionar problemas; organizar cronogramas de ação.

A contribuição do curso de Pedagogia para a formação necessária ao exercício da função é analisada como: credenciamento legal necessário à profissionalização-essencial para adquirir conhecimento e compreensão da organização do processo pedagógico da escola nas dimensões política e técnica; a teoria conta muito para a organização da prática, entretanto faltou maior ênfase na prática: elaboração de projetos, dinâmica do conselho de classe como órgão colegiado capaz de sintetizar a avaliação do processo pedagógico, estratégias para organizar e dinamizar reuniões pedagógicas; formação de postura ética-profissional.

Os alunos participantes na pesquisa surpreenderam-se com a realidade evidenciada pelos dados analisados. Da discussão, foram coletados alguns depoimentos dos grupos:

A pedagogia não é tão restrita quanto imaginávamos; ela fundamenta teórica e praticamente, vários campos de atuação; o relacionamento da pedagogia com as outras áreas vem mostrar que há um equívoco por parte da sociedade quando discrimina esse curso como mero assistencialismo à educação escolar. Ao contrário, todo o conhecimento que se consegue absorver durante o curso faz com que o pedagogo possa se credenciar para atuar em diferentes áreas que demandam a formação humana.

Da prática à teoria ou da teoria à prática pensada?

Zabala (1998, p. 201) sintetiza a dinâmica do enfoque avaliativo com o seguinte esquema que, tão bem, representa o processo vivido: *Avaliação formativa* corresponde à integração da avaliação *inicial* (diagnóstico) com a avaliação *reguladora* (planejamento, adequação do plano) e a avaliação final (avaliação *integradora*). Essa integração das ações avaliativas vivenciadas em sala de aula, foi revista à luz do referencial teórico estudado na disciplina Avaliação da Aprendizagem Escolar. Assim, a metodologia e os procedimentos foram analisados com base em Abreu e Maseto (1990, p. 91 - 97), que destacam a relação entre o processo avaliativo e a aprendizagem; a consonância do processo de avaliação com os objetivos propostos para a aprendizagem; a retroalimentação que garante a continuidade do processo; o permanente reiniciar decorrente da própria complexidade do processo, o que se assemelha ao desfazer/refazer permanentes; a avaliação voltada para o desempenho do aluno que deflagra a adequação do plano de trabalho ao vivido, regulando a pertinência dos materiais selecionados e das dinâmicas propostas para o estudo; a necessidade de registro por parte do professor e dos alunos, processo que promove, naturalmente, maior autonomia em relação à própria aprendizagem, havendo um deslocamento da hétéro para a auto-avaliação.

Quanto às dificuldades enfrentadas pelos docentes, ao repensarem a prática avaliativa, destacam-se questões referentes à:

- *Tempo*: formas mais abertas de avaliação trazem riqueza de material que demanda análises diferenciadas;

- *Número de alunos*: a análise dos processos individuais de aprendizagem tornou-se restrita à interpretação dos dados da entre-

vista nº I e à elaboração da 1ª parte da prova. Optou-se por trabalhos em grupos e em duplas, os quais evidenciaram outra face da vida acadêmica, ou seja, o hábito de trabalhar sempre com os mesmos parceiros.

· *Carência de metodologias avaliativas já testadas:* Os procedimentos metodológicos e os instrumentos foram sendo construídos na prática a partir dos referenciais teóricos estudados e das análises realizadas com os colegas do curso de Mestrado e com os docentes do Campus Universitário de São José dos Pinhais.

· *Carência teórica dos acadêmicos:* percebida e diagnosticada numa ação conjunta, em decorrência do compromisso com as tarefas profissionais e “também” das políticas educacionais em nosso país.

A prática vivenciada permitiu aos sujeitos desta ação, perceberem a dicotomia, ainda existente entre uma proposta globalizadora e a fragmentação da ação educativa. Uma avaliação globalizadora para Sacristán (1998), tem a função de formar a consciência a respeito dos conteúdos, dos processos e dos resultados educativos, com o objetivo de valorizá-los, tendo como princípio que uma aprendizagem significativa acontece quando o educando encontra espaços para transitar entre o conceito e a realidade. Na realidade, o desafio de uma avaliação globalizadora está justamente em submeter o discurso teórico ao crivo da cotidianidade, alimentado por uma visão de mundo que possibilite uma crítica e uma auto-crítica. Nesse sentido, a análise foi “desnudando” as fragilidades e ao mesmo tempo evidenciando o potencial do grupo, quando a ação se constrói no coletivo.

Diante de um fundamento teórico que aborda as multidimensionalidades do sujeito que pensa e que por isso se modifica cognitivamente, encaramos a avaliação como um espaço privilegiado para fazer a articulação entre teoria e prática. Tirar do momento da avaliação, o peso do erro e transformá-lo em uma oportunidade de análise das próprias estratégias usadas para o aprender é dar ao avaliar um tom desafiador e criativo.

Notas

1 A Disciplina “Avaliação do Processo Ensino e de Aprendizagem” foi ofertada no Curso do Mestrado em Educação PUC/PR, em 2002, sob orientação da Professora e Doutora Léa das Graças C. Anastasiou.

- 2 Participaram da pesquisa as professoras: Ermelina G. Bontorin Thomacheski, Ivany Klauermann e Tânia Mara Fantinato.
- 3 Quadro referência para Síntese dos dados das Pesquisa 1 e 2 (anexo n. 1).
- 4 A síntese das resposta e a complementação discutida com o grupo-classe (anexo n. 2).
- 5 A relação de temas pesquisados e desenvolvidos na forma pelos alunos da turma do 7º F (anexo n. 3).
- 6 Quadro de análise da prática vivenciada, tendo como parâmetro os pontos indicados em Abreu e Maseto, 1990 (anexo n. 4).
- 7 O texto foi publicado na Revista Educação e Movimento, n.º 1, Ed. Champagnat, junho de 2002.
- 8 DEMO, Pedro. *Educar pela Pesquisa*. Campinas: Editores Associados, 1996.

Referências

- ABREU, Maria Célia e MASETO, Marcos T. **O professor universitário em aula**: prática princípios teóricos. São Paulo: Editores Associados, 1990.
- DEMO, Pedro. **Educação e qualidade**. Campinas: Papirus, 1995.
- EYNG, Ana Maria. Projeto Pedagógico: a construção coletiva da identidade da escola - um desabafo permanente. In: **Revista Educação em movimento - champagnat** - v. 1, n. 1, p. 25-32, jan/abr/2002.
- FERREIRA, N.S.C. (org.) **Supervisão educacional para uma escola de qualidade**: da formação à ação. São Paulo: Cortez, 1999.
- FRANCO, Maria Laura P. B. **Pressupostos epistemológicos da avaliação educacional**. In: **CADERNOS DE PESQUISA (74)**. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, (jul-dez) 1990.
- FREIRE, Paulo. Educação: o sonho possível. In: BRANDÃO, C. R. **O educador**: vida e morte. São Paulo: Graal, 1991.
- LIBÂNEO, J. C. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** 2. ed. São Paulo: Cortez, 1999.
- _____. **Organização e gestão da escola**: teoria e prática. Goiânia: Alternativa, 2001.
- LUCKESI, Cipriano. **Avaliação da aprendizagem escolar**. São Paulo: Cortez, 1995.

_____. O que é mesmo o ato de avaliar a aprendizagem? In: **REVISTA PÁTIO**, ano 3, n. 12, fev/abr. Porto Alegre: ArtMed., 2000.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2000.

OGIBA, Sônia Maria Moreira. Avaliação do ensinar e do aprender na universidade: controle, dissimulação ou (re) construção coletiva. In: **REVISTA EDUCAÇÃO E REALIDADE**. Porto Alegre: [s.n.], 17(2) jul/dez.1992, p. 19-23.

RANGEL, Mary. **Supervisão pedagógica: princípios e práticas** (org.) Campinas- SP: Papirus, 2001.

SACRISTÁ, J. Gimeno e Perez Gómez, A I. **Comprender e transformar o ensino**. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

ZABALA, Antoni. **Enfoque globalizador e pensamento complexo**. Uma proposta para o currículo escolar. Porto Alegre: ArtMed, 2002.

_____. **A prática educativa, como ensinar**. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

Abstract: the present paper was based on an analysis of an evaluating practice, a process that was implemented by Ph.D. Léa das Graças C. Anastasiou, as part of her Masters Program in Education, in the subject "Learning Evaluation" at PUC/PR. The challenge of reconsidering the complexity of the evaluation action, included in the theoretical review, has become a source for a new practice, creating the necessity of analyzing the globalization of the pedagogical relationships in a collaborative way. The actions of professors and student group led to self-commitments, which guided to the target learning. In the first part of the paper there is a summary based on theoretical backgrounds researched and discussed in class; also on the professors' activities, as well as on both professors' and students' real lives. It also deals with the description of the movement, which guided the cooperative action of the practice, the didactic situation in its make, remake and evaluation itself, as an attempt to register those who had experienced this. The multidimensionality of this evaluating process was pointed out, aware that the results are not definite yet, and also that this movement brings the idea of an open system, in which each end is a new beginning itself. The greatest

meaning of the study was to experience the historic view of learning, always generating new necessities. Therefore, in the second part of the research, an experience of a continual, cumulative and differentiated evaluation, part of the subject "Principles and Methods of Educational Supervision" was reported, involving the group of professors and 158 students of the 7th period of the Pedagogy Course from PUC/PR, São José campus. This experience was based on elements obtained in studies about Learning Evaluation, during the Course for Basic Education Teachers, Educational Supervisors, and also for undergraduate professors, who have been systematized in the Masters Program in Education from PUC/PR. All the instruments used to systematize and register the evaluation have been enclosed.

Key Words: Complexity, process, formative, educative quality, multidimensionalidade, creator of new chances, conscience, desire.

Anexos

Anexo n° 1

Pesquisa n.º 1 e 2: atuação do pedagogo em espaço educacional não-escolar e em espaço escolar.

Quadro referência para síntese da análise das entrevistas realizada pelos grupos - 7º período de pedagogia (noturno), Campus SJ.

Grupo	Local	Entrevistado/ Formação	Principais ações desenvolvidas	Parcerias necessárias	Clientela Atendida	Postura frente à Posição (pontos +)	Contribuição do curso de pedagogia para o exercício da função.

Anexo nº 2

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ
CAMPUS SÃO JOSÉ DOS PINHAIS

CURSO DE PEDAGOGIA

DISCIPLINA: PRINCÍPIOS E MÉTODOS DE SUPERVISÃO

Síntese elaborada pelo docente, a partir das respostas dos alunos do 7º período de Pedagogia, com a finalidade de retomar os conceitos básicos e ter uma visão do conhecimento reelaborado pelo grupo.

AVALIAÇÃO I

1) Perfil do Pedagogo:

O pedagogo atua em várias instâncias da prática educativa direta ou indiretamente ligadas à organização e aos processos de transmissão e assimilação de saberes e modo de ação, formação humana e contextualização histórica.

Tem o papel de coordenar a elaboração de princípios (diretrizes) juntamente com o corpo administrativo e pedagógico da escola *que objetivem um trabalho com bases sólidas (Projeto Político Pedagógico).*

É um orientador do trabalho pedagógico, um profissional capaz de pensar e agir com inteligência, equilíbrio, liderança e autoridade *o que exige conhecimento técnico (buscando sempre a atualização dos saberes) e relações humanas (saber respeitar a individualidade de cada educador, pais e alunos, agir com ética).* Como articulador da proposta pedagógica, deve assegurar o cumprimento do Regimento Escolar e a implementação do Projeto Pedagógico.

Tem o objetivo de transformar os sonhos em ação, por meio de uma ação pedagógica pensada, intencional, *organizada coletivamente o que implica na prática do planejamento participativo.*

Este processo inclui ações voltadas: ao currículo, aos programas, ao planejamento do ensino e do setor da supervisão integrados ao PPP, à avaliação, à recuperação, à formação continuada dos educadores, ao acompanhamento constante da aprendizagem do alu-

nos e à tomada de decisões quanto aos encaminhamentos necessários e ao processo de informação à comunidade (pais, escola e agentes externos) sobre o processo pedagógico e seus resultados.

As ações voltadas para a relação teórico-prática na implementação do projeto pedagógico, implica, sobretudo, a sustentação dos atos de ensinar e aprender que incluem a ação reflexiva da prática coletiva, assessorando o bom desempenho, refletindo-se então na qualidade do ensino.

O Supervisor tem a especialidade do seu trabalho caracterizado pela coordenação; essa prática tem como pressupostos o conhecimento da realidade escolar, do conhecimento que nela se ensina e da aprendizagem que se promove.

Citações de respostas elaboradas pelas alunas:

Ao iniciar seu trabalho numa realidade nova, primeiramente o pedagogo deverá fazer uma sondagem nesta escola na qual irá atuar, pois terá que atuar em todos os âmbitos para verificar como anda a ação educativa, para, a partir destes resultados, poder promover a socialização, o ensino aprendizagem de alunos, uma maior aceitação do professor/aluno/pedagogo.

Deverá ser uma pessoa comprometida com a ação educativa desta escola, orientando professores em relação aos alunos que apresentam dificuldades na aprendizagem e em outros casos que poderão eventualmente aparecer. Participar da execução das ações pedagógicas e programas desenvolvidos na comunidade, sendo companheiro, demonstrando amor no que faz e trazendo diferentes formas de trabalhar, procurando sempre estar presente em todos momentos que for solicitado.

Este pedagogo deverá passar idéias novas sendo também organizado, ético, dinâmico, desafiador.

J. N. S.- 7º per. /noite

2) Planejamento Contextualizado e Interdisciplinar

O planejamento de ensino não se limita ao plano, prevê as situações didáticas. Supervisionar o planejamento é tornar claros os conceitos de educação e de concepção de conhecimento que permeiam o PPP, bem como os critérios de avaliação, garantindo a construção coletiva da prática pedagógica que responda aos desafios de realidade sociocultural.

Afasta-se, assim, o caráter tecnicista do planejamento, compreendendo os planos como roteiros de ação, frutos da reflexão coletiva, de modo a organizar o trabalho pedagógico da escola, dando uma direção de sentido.

Para Zabala (2002), *Contextualizado* refere-se à relevância social do conhecimento curricular bem como à forma de mediação, ao método de trabalho que torne esse saber significativo para o aluno, dando sentido à prática realizada em cada grupo.

Interdisciplinar refere-se à postura que os educadores assumem ao organizar as situações pedagógicas, buscando a interação entre as disciplinas que pode ir desde a simples comunicação até a integração dos conceitos fundamentais, da teoria do conhecimento e da metodologia de ensino.

AVALIAÇÃO II

1) Conceitos de Educação e Pedagogia

Educação numa sociedade democrática é um direito de todos. A Constituição da República Federativa do Brasil (1998), artigo 216, assim expressa: “A educação direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. Por sua vez a LDB N.º 9394/96, em seu art. 1º define abrangência da Educação da seguinte forma: “A Educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais”.

Educação é também um dos processos mais significativos dos processos sociais, acontece em vários âmbitos da sociedade e não apenas na escola. Está presente no cotidiano, nos diferentes espaços onde se realiza a ação humana, mistura-se com a vida. Pode ser informal, não-formal e formal (LIBÂNEO, 1999). A educação escolar é realizada num espaço institucional, sistematizado, com objetivos bem definidos, visando a preservação da herança cultural da humanidade (conhecimentos universais), os valores de cada cultura, o desenvolvimento de competências e habilidades que contribuam para a ação cidadã consciente e produtiva: aprender a saber, a fazer, a ser, a conviver.

Pedagogia: segundo Libâneo (1998), é “[...] o campo do conhecimento (ciência) que se ocupa do estudo sistemático da educação, isto é, da prática educativa que se realiza sociedade como um dos ingredientes básicos da atividade humana”. Ao tratar do processo educacional (do ensino para a aprendizagem), não é a única a ocupar-se deste estudo, está ligada a outras ciências como a Filosofia, Sociologia, Psicologia, Antropologia, Neurologia, Biologia, etc. as quais se ocupam dos problemas educativos além de seus próprios objetos de investigação.

Seu significado inicial é “conduzir crianças”; neste sentido, consideramos a pedagogia como a ciência que forma profissionais cuja função é conduzir o trabalho pedagógico, organizando, coordenando e articulando o processo pedagógico no âmbito educacional, fazendo uma “ponte” entre teoria e prática.

É também o curso superior de graduação plena que forma os profissionais de educação (pedagogos) para atuar na administração, planejamento, inspeção, supervisão, e orientação educacional para a educação básica (conferir LDB. 9394/96, art. 64). Nos art. 62 e 63 da LDB, é a bordada a formação de docentes para atuar na educação básica. O diferencial exigido em termos de competências para a gestão dos processos pedagógicos, de que trata o art. 64 da LDB, também poderá ser adquirido em cursos de pós-graduação. A formação pedagógica visa sempre a formação humana previamente definida em sua contextualização histórica.

2) A escolha dos recursos de apoio pelo coletivo, articulada ao projeto pedagógico curricular.

O supervisor deve orientar e oportunizar momentos nos quais os professores, de forma coletiva, possam apreciar os materiais, verificando conteúdos, textos, atividades, observando se estão coerentes com a realidade atual e com a concepção de educação do PPP. Assim, a seleção dos recursos e o seu uso na ação pedagógica (em sala de aula), deve ser objeto de constante investigação (análise crítica) verificando sua adequação como *recursos que são*, sem perder de vista a relatividade dos meios em função dos fins. É imprescindível estar atento aos avanços tecnológicos e ao potencial educativo que a tecnologia pode significar nesse processo.

Nesta escolha o supervisor deverá propiciar aos professores um espaço de leitura, discussão, partilha de idéias, análise crítica de modo a perceber as “intenções”; nem sempre o livro “mais estrelado” é o melhor. Os critérios de análise precisam ser discutidos por todos os professores, tendo em vista que o programa do PNLD não é anual e assim o mesmo livro será utilizado por diferentes professores quando há rodízio de funções de um ano para o outro.

AVALIAÇÃO III

1) Implicação do projeto político pedagógico para a ação supervisora.

Sendo o Projeto Político Pedagógico: construção da identidade da escola, o Supervisor Educacional é o agente coordenador. (Ver texto de Eing (2002)⁷ analisado em sala, competência que implica em tarefas no colegiado, portanto coletivas: pensar-escrever; pensar-aplicar, pensar-avaliar, pensar/reelaborar).

A ação supervisora refere-se tanto ao estar sustentando a fundamentação teórica e a relação teoria x prática, quanto ao estar engajado no conhecimento da prática, visando a melhoria da aprendizagem, familiarização com a realidade. Constitui-se num processo de pesquisa da prática pedagógica. Sobre este tema ver em Demo (1996)⁸,

onde a pesquisa como princípio educativo se constitui numa metodológica para uma abordagem educacional inovadora, construtiva. Ação essa que se concretiza em medidas como: busca de parcerias, organizando seminários, palestras, encaminhamento para cursos, eventos, visando sempre o coletivo; assim, quem participa assume o compromisso de discutir as idéias com o coletivo. Desta forma o crescimento será do grupo e não apenas dos profissionais individualmente.

Pesquisa de alternativas para uma educação de qualidade por meio do aprimoramento dos processos da escola e da ação educativa dos sujeitos envolvidos.

Incentivo à elaboração de projetos pedagógicos próprios, variados e interdisciplinares, orientando os professores na implementação dos mesmos e reavaliando coletivamente o PROJETO GLOBAL DA ESCOLA.

Mobilização das ações, provocando a participação. Entretanto, não se coloca de fora como se fosse um “super educador”.

2) Como estabelecer prioridades para os temas de estudo, como coordenar esse trabalho, envolvendo a todos.

O estudo constitui a “alma” da reflexão da/na/sobre a prática. A escolha dos temas deve partir do diagnóstico das necessidades, visando a atualização nas várias áreas do conhecimento. A metodologia do ensino com pesquisa constitui-se, em si, numa forma de mobilização. Cabe ao supervisor, como articulador desse processo, o estímulo, a coordenação do trabalho comum, promovendo a participação de todos os sujeitos, dos que limpam o chão aos que realizam a reflexão teórica (FREIRE, 1991). Ao privilegiar a ação-reflexão-ação na realização do estudo, a atividade torna-se parte do ato educativo e o professor passa a percebê-la como inerente ao seu trabalho.

Como coordenar e estabelecer prioridades para os temas? O Supervisor é apenas o coordenador desse processo, envolvendo a todos os profissionais da escolar. Portanto, ao promover eventos, a premissa básica é a participação, o envolvimento de todos os profissionais e a pertinência dos temas, o que resulta em prazer, realização.

Anexo nº 3

Temas dos artigos trabalhados pelos alunos do 7º período, como aprofundamento nos estudos do semestre:

- 1-A classe especial e a ação do supervisor.
- 2-A difícil relação entre pais e escola.
- 3-A interdisciplinaridade.
- 4-Ação supervisora: a busca de sua identidade.
- 5-Aprendizagem significativa – exigência da sociedade atual.
- 6-Avaliação: um ato amoroso – plagiando Luckesi.
- 7-Comportamento, hábitos, atitudes e valores no contexto escolar.
- 8-Computador na educação: oportunidade de mudança ou de dissimulação do processo ensino-aprendizagem.
- 9-Desempenho do professor = habilidade x motivação
- 10-Dificuldades na aprendizagem.
- 11-Escola x cidadania.
- 12-Informática como recurso pedagógico.
- 13-Inteligências múltiplas: um outro olhar para o aluno.
- 14-O papel do supervisor escolar na busca de uma nova escola.
- 15-O papel do pedagogo na sociedade do conhecimento.
- 16-O processo de avaliação.
- 17-O ser humano e o ambiente na interdisciplinaridade.
- 18-Por que organizar o ensino através de temas transversais.
- 19-Supervisão educacional: uma prática com qualidade.
- 20-Um olhar sobre a evolução das tendências pedagógicas que se desenvolveram no Ocidente no último século.

Anexo nº4 MAZETO/ ABREU

Avaliação = atividade pedagógica mais difícil “espinho atravessado na garganta”.

Objetivos do texto: visão de conjunto sobre o tema, fornecer diretrizes para reflexão da Prática Pedagógica.

Os autores destacam oito pontos que derivam de uma visão de conjunto do processo educativo (ensino/aprendizagem/avaliação):

Tópicos	Plano de ensino	Pesquisa I	Pesquisa II	Elaboração de Artigo	Prova
1- Relação entre o processo avaliativo e a aprendizagem (dados e informações que permitem ao professor e ao aluno constatar e decidir sobre as intervenções necessárias).	Concepção de avaliação: integrante do processo de ensino e de aprendizagem.	Investigação das atribuições do Pedagogo em espaço não escolar.	Investigação das atribuições do pedagogo em espaço escolar.	Elaboração própria.	Síntese do Conhecimento estudado.
2- Processo de avaliação em consonância com os objetivos propostos para a aprendizagem (clareza do que avaliar, forma, técnica/instrumento, registro e encaminhamento).	Foram propostos muitos objetivos (competências, habilidades, aptidões) para o tempo previsto.	Familiaridade com os procedimentos de pesquisa etnográfica.	Pesquisa da realidade.	Habilidade de elaboração própria e manuseio das normas técnicas para a produção de trabalhos científicos.	Habilidade de conceituar, organizar idéias e explicar.
3- Processo contínuo: para que a aprendizagem se concretize, prevê diagnóstico retroalimentação tendo em vista melhores resultados.	Foi condutor da disciplina: ação do pedagogo como articulador e coordenador do processo pedagógico.	Relação teórico-prática no espaço educacional.	Relação teórico-prática no espaço escolar.	Aprofundamento de temas do interesse. Pesquisa como princípio educativo.	A integração entre as duas partes da avaliação, caracterizando como individual e coletiva, simultaneamente.
4- Permite um contínuo reiniciar do processo de aprendizagem: a análise dos dados sobre o desempenho, realizado em conjunto professor e aluno, direciona as etapas seguintes em direção aos objetivos.	A retomada do Plano de trabalho, relacionando cada novo tema ao objeto de estudo da disciplina.	Perfil profissional demandado em contraponto com o desempenho dos sujeitos.	Perfil profissional demandado em contraponto com o desempenho dos sujeitos.	Dinâmica e o confronto que o processo "de elaborar" promove.	A análise coletiva da síntese.
5- Avaliação voltada para o desempenho do aluno: a partir do desempenho concreto em cada uma das atividades colabora com a evolução do aluno em direção aos objetivos.	Renegociação de tarefas em função da produção apresentada e das dificuldades observadas pelos alunos.	Observado pelo professor, no relato escrito de cada grupo e na comunicação durante o seminário de apresentação.	Observado no relato escrito de cada grupo e na comunicação durante o seminário de apresentação.	Análise do artigo e defesa do tema, nas mesas temáticas.	Devolutiva da prova corrigida e atendimento individual e/ou grupal para esclarecimentos de dúvidas.
6- Avaliação da consecução sobre o desempenho do professor e a adequação do plano de trabalho.	Permite regular a pertinência dos materiais de estudo selecionados, e das dinâmicas propostas para o estudo.	Síntese dos dados e análise dos mesmos a partir dos referenciais teóricos previstos na disciplina.	Síntese dos dados e análise dos mesmos a partir dos referenciais teóricos previstos na disciplina.	Leitura e análise dos artigos, conferindo a coerência em relação aos referenciais pesquisados.	Identificar os pontos deficientes em relação aos conteúdos propostos na disciplina.
7- Observação e registro por parte do professor e do aluno.	Elaboração e reelaboração de cronogramas de situações didáticas.	Valoração e registro para informar ao aluno como seu trabalho está sendo visto e ao sistema em forma de nota.	Valoração e registro para informar ao aluno como seu trabalho está sendo visto e ao sistema em forma de nota.	Parcerias descritivo sobre o trabalho elaborado.	Atribuição de valor, conforme chave de correção.
8- Da hetero para a iniciação da auto-avaliação.	Elaboração coletiva da ementa e adequação do Plano de Trabalho às situações concretas de cada grupo-idade.	Análise individual, por escrito sobre os dados organizados em forma de quadro.	Análise dos grupos comparando com o perfil de pedagogo e a descrição de atribuições, construídos na turma.	Apresentação do tema estudado em Mesas temáticas.	Depoimentos orais durante a devolutiva e análise da síntese no fechamento da 1ª parcial.